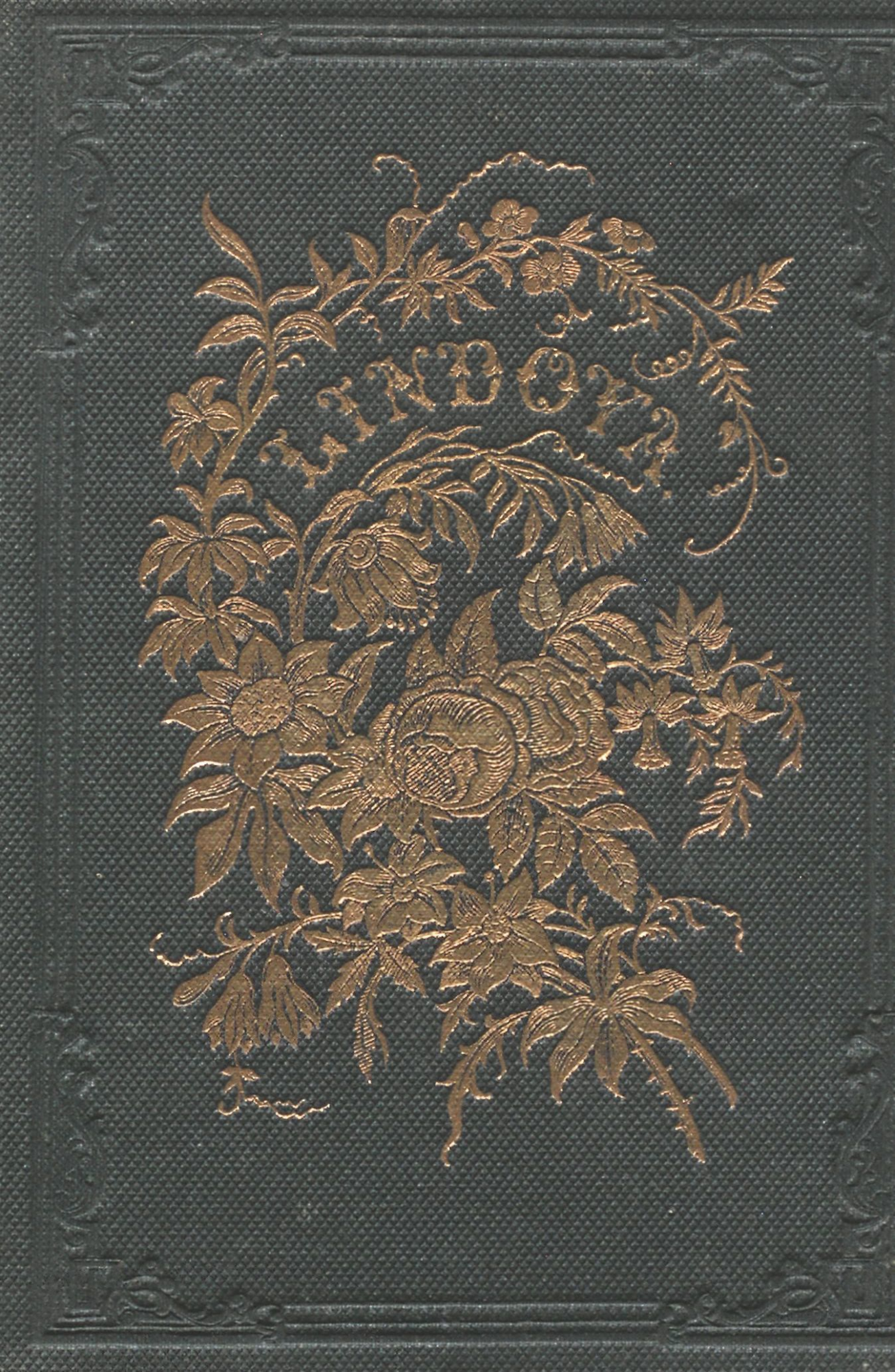

F
9697
.F72
L56
1859

# LINDOYA.

# LINDOYA.

---

TRAGEDIA LYRICA EM QUATRO ACTOS

POR

**ERNESTO FERREIRA FRANCA.**

IBERO-AMERICAN LIBRARY
CATHOLIC
UNIVERSITY OF AMERICA
WASHINGTON, D. C.

E3941

LEIPZIG:

F. A. BROCKHAUS,

LIVREIRO DE S. M. O IMPERADOR DO BRAZIL.

1859.

14963

1975

Á

MAGESTADE IMPERIAL

DO

# SENHOR D. PEDRO II.

RESTAURADOR DAS LETTRAS PATRIAS:

O DOUTOR

**ERNESTO FERREIRA FRANÇA,**

COMPLETA FELICIDADE.

# LINDOYA.

---

TRAGEDIA LYRICA EM QUATRO ACTOS.

# PESSOAS.

---

Frei Lourenço, director da Missão.
Frei Domingos.
Frei Raphael.
Lindoya.
Guaycambo.
Cepé.
Pindó.
Andrada.
Menezes.
Uma voz feminina.
Os padres.
Soldados.
Côro de indigenas: homens, mulheres e crianças.

---

Lugar do acontecimento: as Missões do Uruguay.

Epocha: a segunda metade do seculo XVIII.

---

# ACTO PRIMEIRO.

Uma igreja nas Missões: o interior de um templo magnifico, edificado em abobada (URUGUAY, Canto V); um altar simples, mas ricamente paramentado (URUGUAY, fim do Canto IV).

---

## SCENA I.

FREI RAPHAEL, FREI DOMINGOS e FREI LOURENÇO.

FREI LOURENÇO.
(Tendo em mão varios documentos.)

Eil-a a mensagem que enviou-me o chefe
Das colligadas forças, transmittindo
Ordens que em Portugal lhe forão dadas,
Mais criveis de esperar de iniquo mouro
De que de um rei piedoso. Oh! quão mudados,

Quão diversos os tempos vêjo desses
De Castella em que os aureos estandartes
Com os lusos pendões rivalisavão
Em dilatar a fé e a observancia
Da redemptora Lei, de Africa e Asia
Por vastissimos reinos; e dest' outro
E novo continente dividião
Os Catholicos Reis e os Portuguezes
O uberrimo imperio, obedientes
Aos decretos da Igreja! Ó bem nascida
A forte gente então que no Ceo punha
A confiança invicta, e esforçada
Na divina palavra, comettia
Com patente denodo mais que humano,
Feitos de alto valor qu'ind' hoje soão
Onde-quer-que na terra. Pela bocca
Dos servos do Senhor as nações doceis
Da salvação á voz, os sãos preceitos
Da verdade infallivel impetrando,
De duradouros bens avantajadas,
Ouvião venerandos. Sim! ditosas,
Presentissimas eras! Sob auspicios
Da militante Igreja florecia
O Imperio de Christo e recobravão
Os povos a alheada liberdade.
Do vexillo sagrado á sombra pia,

As deprimidas lettras, resurgindo,
A gloria do Senhor perduradouro
Monumento elevavão, derramando
Dos seculos pagãos na morta lettra
Nova luz, nova vida, divulgando
O espirito celeste e expellindo
C'o raio creador a fria treva
Que os corações impede. Ó bem nascida
A dura gente então, a forte gente!
Pios, felizes, fortunosos tempos,
Em que a cerviz real crinitas frentes
Do sublime Hildebrando aos pés curvavão!
Presentissimas eras! Hoje os agros,
Os proprios êrmos disputar-nos ousão
Em que, recente, a germinar começa
De novo o pão divino, o grão eleito
Da mal guardada Lei! Ultimo abrigo,
Derradeiro despojo, estes retiros
Abandonar devemos, perigrinos
Nova seara confiar á terra,
Novos lares buscar; nova seara,
Mal florente, por impias mãos seganda,
Avidas, incuriosas! — Os dictames
Ouvis que nos transmittem os ausentes,
Usurpadores arbitros da sorte
De não cuidados povos, os que um dia,

Filhos da Igreja se chamavão; impios
Filhos de afflicta mãe!

FREI DOMINGOS.

E vós, ó Padre,
Que resposta lhes daes?

FREI LOURENÇO.

Hoje Guaycambo
E mais Cepé enviarei a Andrada.
Nimio, é certo, em taes meios não confio;
Essas eras de nós estão já longe:
Mas convem ao possivel abrir passos.
Vejão, pretendo, que o imperio nosso
Só no bem destes povos tem o appoio,
E em seo amor a força.

FREI DOMINGOS.

Mas Lindoya
Hoje a Guaycambo unir não tencionaveis?

FREI LOURENÇO.

Sim, hoje a elle prometti-a esposa:
Adorão-se ambos; o Senhor os cubra
De estremecidas bençãos!
Par mais condigno e de mais prendas posto,
Suppor mal posso, ou já que mais do que este

Ver quizera feliz; porem primeiro
Interesse maior consultar devo.
Tarefa amavel é fazer ditosos,
E o velho ancião dessa já só ventura,
(Perdoae-me Senhor!) se priva a custo.

FREI DOMINGOS.

Tal é do sacerdote o dever arduo:
Abnegação e amor; de que virtude,
Nestes infaustos e provados dias,
Vós, Padre, ora o exemplo edificante
Nos estaes dando.

FREI LOURENÇO.

Irmão, o mais indigno,
O derradeiro eu sou dos servidores
Dos servos do Senhor; quanto me falta
Agora eu vêjo, nesta hora aziaga.
Ah! não; eu não m'illudo:
Prenhe de casos o futuro avulta;
A mão da Providencia descarrega
Seo peso sobre nós. É grande, é grave
O encargo em nós deposto!

FREI RAPHAEL.

Abençoada a mão que nos humilha;
Só visita o Senhor os seos eleitos.

FREI LOURENÇO.

Tu o diceste, irmão, bemdita sêja.

FREI DOMINGOS.

É pois verdade que as esquadras mixtas
Nos acomettem proximas?

FREI LOURENÇO.

É certo.

FREI DOMINGOS.

Quem jamais tal diria!
Hespanha e Portugal virem conjunctos,
Sem resguardo de lei, ou de justiça,
O exterminio trazer a um povo insonte
Que o jugo do Senhor docil acata!

FREI RAPHAEL.

Sêja feita a vontade omnipotente
Do Senhor das cohortes: santo, santo,
Santo, tres vezes santo é o seo nome!

JUNTOS.

Sim, sêja feita a vontade
Do Rei dos Ceos e da Terra;
Dar-nos a paz tambem póde
A mão que nos deo a guerra.

FREI RAPHAEL.

Cobrae animo, ó Padre; com solercia,
Sobre nós sem cessar, o Ceo vigia.

FREI LOURENÇO.

Não, o temor não é de humanos males
O que a minh' alma abate.
Bem diminuto é que a mesquinha vida,
Já na ultima hora,
Nas mãos do Creador entregue humilde,
Quem o Senhor por dilatados annos
Alimentou bondoso.
Trepida acaso o servidor antigo
Ao encarar os riscos que acompanhão
A defeza do tecto que abrigou-o,
Hospitaleiro, em foragidos tempos?!
Com quanto a carne timida fraqueie,
(Temeo Jesus a morte!)
Com este que me resta,
Já pouco sangue, fôra gloria minha
Sellar a vida que empreguei indigno,
No culto do meo Deos. Mas estremece,
Move as entranhas minhas o perigo
Dos filhos que adoptei, o povo agreste,
Mas sem ardil, innoxio
Que aos meos cuidados o Senhor confia.

Ah! filhos meos! rudes, porem singelos!
Vêr o exterminio desolar meos filhos,
O fogo e o ferro subverter as ferteis
Messes que nós plantamos!
Vêr em ruinas fumegar no êrmo
Esta missão deserta!
Não, que eu não viva assaz p'ra contemplal-o!

Senhor, se um' unica victima
Aplaca o vosso rigor,
Poupae as mansas ovelhas,
Feri sómente o pastor.

Se acaso o docil rebanho
Fugio longe do cercado,
Foi porque era mal guardado,
Foi culpa do guardador.

FREI RAPHAEL e FREI DOMINGOS.

Senhor, vós que ás avesinhas
Daes sustento e protecção,
Dae amparo ao vosso povo
Na hora da assolação!

(Toca o sino, chamando á oração da manhan.)

FREI LOURENÇO.

Vamos, é hora de implorar do Eterno
Para o dia que enceta as almas bençãos:

Possão os rogos deste povo graça
Achar ante os seos olhos.
Hoje o jejum dobre a noss' alma á prece;
Irmãos, orae commigo.

(Vão para se aproximar do altar, e ouve-se a certa distancia, tornando-se cada vez mais distincto, o seguinte:)

CÔRO.

MULHERES.

Surge, ó dia venturoso,
Cinge o teo raiar mais bello;
Terno amor, longo desvelo
Verás hoje coroar.

HOMENS.

Uma esposa amante e amada
É a mais subida joia;
De Guaycambo e de Lindoya
Aprendamos nós a amar.

FREI LOURENÇO.

Não ditosa Lindoya, quantas magoas
Hoje e suspiros te reserva est' hora!

---

## SCENA II.

Os MESMOS: LINDOYA e GUAYCAMBO, com louçania adornados. Alguns Padres; o Côro. Os Padres encaminhão-se para o altar, e vão entrando as mais pessoas desta scena: ajoelhão-se simultaneamente. Ha um momento de recolhimento: acesos os thurybulos, o orgão toca o hymno: «*Veni Sancte Spiritus*».

FREI LOURENÇO.

Ó vós cuja grandeza os Ceos proclamão,
Pai, refugio, conforto, abrigo nosso;
Cumpra-se a vossa lei em toda a parte,
Sanctificado sêja o nome vosso.

Dae-nos, Senhor, o pão quotidiano,
E hoje ainda sejaes vós o escudo
Que das paixões nos cubra, a fortaleza
Que p'ra sempre do mal nos livre em tudo.

Deos de bondade, perdoae ainda
A nossa iniquidade, não segundo
A face da Justiça, mas conforme
O pede a culpa deste fragil mundo!

Da morte quando enfim ao pó tornados,
Ao lar ethereo revoar noss' alma,
Encontre em vós a triste humanidade
Misericordia, paz, repouso e calma!

(O orgão toca o hymno: «*Veni Creator*».)

O CÔRO.

HOMENS.

Habitadores do Orbe,
O Sêr immenso adorae;
Lêde o seo splendor nos astros
E o hymno sacro entoae.

MULHERES.

O Senhor é o meo conforto,
N'hora da tribulação;
Elle dirige os meos passos
Na estrada da salvação.

HOMENS.

Seo nome é o Omnipotente,
Está escripto nos Ceos;
Elle se apraz na procella,
Na furia dos escarceos.

MULHERES.

Nos passeios vespertinos
O Senhor me ha-de guiar;
Como um pastor cuidadoso
Ha-de me elle alimentar.

HOMENS.

Mal o Sol na aurora acorda,
Surge a voz da adoração;
E inda á noute, a Lua narra
A historia da Creação.

MULHERES.

O orgulhoso em suas forças
Confie sem vão temor;
Eu a minh' alma tremente
Ponho nas mãos do Senhor.

HOMENS.

Até o silencio mudo
Ergue no êrmo o seo louvor;
Gentes que habitaes a Terra,
Louvae, louvae ao Senhor!

MULHERES.

Feliz quem teme o Eterno,
Quem só ama a sua lei;
Elle será como a ovelha
Predilecta em sua grei.

(O orgão toca: «*Laudate Deum, omnes gentes*».)

FREI LOURENÇO.

Luz de minh' alma, só repouso della,
Ó clemente, ó piedosa, ó sempre linda;
Ave, tu, em que o mal terreno finda,
Ó doce Virgem, Virgem a só bella!

Ave, ó doce, ó piedosa, flor singella
De modestia, que o Sol de amor alinda;
Ave, esperança minha, em quem a vinda
Se vio de todo o bem que o mundo anhella!

Em azas de Anjo, ao son de um teo queixume,
Da eterna dor a ingente escuridade
Penetra raio do celeste lume.

Por ti á Terra veio a só beldade:
Vaso de graça, torre de perfume,
Achem meos ais sempre ante ti piedade!

O CÔRO COMPLETO.

Ave, ó Senhora, ó Virgem,
Amparo nosso e abrigo;
Ave, ó de graça cheia,
Sêja o Senhor comtigo!

Bemdita és entre as filhas
Da incerta humanidade;

Bemdito o fructo do alto
Seio da Virgindade.

Ó santa, ó pura, ó doce
Mãe de clemencia infinda,
Roga por nós na hora
Da nossa morte ainda.

(O orgão toca: «*Salve regina*».)

FREI LOURENÇO.

Podeis-vos ir, ó filhos, retirae-vos:
Sêja o Senhor comvosco!
(O Côro vai para sahir: rumor.)
Lindoya, e tu, Guaycambo,
Ficae porem; tenho a fallar-vos, vinde;
Cepé tambem: Cepé! — Que é feito delle?

UMA VOZ FEMININA.

Um sol ha já que, abandonado o colmo,
Mais se não vê na aldeia.

FREI LOURENÇO.

Misero! a quanto obriga
Um desmedido amor! — Mas ouve, ó filha;
Guaycambo, inesperado
Successo lastimoso
De esposos inda vos differe a dita.

O CÔRO.

HOMENS.

Desditoso Guaycambo!

MULHERES.

Lindoya infortunosa!

JUNTOS.

(Uns ainda dentro, outros já fóra da igreja.)

Que novo contratempo
Lhes guarda a sorte irosa?

---

## SCENA III.

Os MESMOS, menos o Côro.

GUAYCAMBO.

O que dizeis, ó Padre? .....

LINDOYA.

É pois verdade!

FREI LOURENÇO.

Ouvi-me .....

GUAYCAMBO.

Ó Padre, Padre! .....

LINDOYA.

Eu miseranda!

FREI LOURENÇO.

Filhos, que vêjo? — Um só impedimento,
O obstaculo de um dia por tal modo
Pois vos pode affligir! Sus, esforçae-vos!

LINDOYA.

Não, Padre; ah! eu não temo
A tardança de um dia, mas antolho
Successos mil que o coração me agoura.

FREI LOURENÇO.

Confortae-vos, que breve haveis de juntos,
Tornar de novo ao mesmo altar que vêdes ....
Momentosa razão o quer e exige.
Que importa o curto espaço de alguns dias?
No infortunio tocada,
Terá mais gloria a dita,
Tem mais sabor a f'licidade .....

LINDOYA.

Quanto,
Quanto porem esse unico momento
Não custa e tarda ao peito que amor sente!

FREI LOURENÇO.

Eia! — Guaycambo, eu te confio honrosa
Missão de alto momento;
Irá Cepé comtigo; ambos primeiros
Sempre em tudo exceller vos vio a Aldeia.
Nelle confio como em ti confio;
A partir tem-te prestes .....
Animo, digo! pois assim te abate
Diminuto desgosto? ....
Olh' ess' imagem grave
(Para o crucifixo.)
Do Rei do Ceo crucificado e morto!
O que é todo o penar de um mundo fragil
Comparado ao martyrio ingente, infando,
Daquelle que por nós no fero lenho,
Excelso Rei da gloria,
Poz voluntario a vida?

GUAYCAMBO.

Deos era, ó Padre; humano
Valor não pode tanto.

FREI LOURENÇO.

Não mais! — Que o matutino albor primeiro
Longe amanhan, na estrada já te vêja;
Emmentres a missiva

Aperceber irei: breve te aguardo.
N'hora que a sombra ao palmital encurta,
Em que se fêcha o malmequer selvagem,
Virás, sem mais demora,
Buscar as ordens minhas.

(Para Frei Raphael.)

Irmão, Cepé se busque, e a mim trazei-o.

(Á parte.)

Do amor mal pago mitigae-lhe as ancias,
Dae-lhe conforto e alento. É fôro sacro
Da suavidade a voz a quem padece:
Nem é mais grato o orvalho
Ao campo que abrasado foi na sesta,
Quando a Noute vizinha
Verte o silencio no êrmo adormecido.

---

## SCENA IV.

GUAYCAMBO e LINDOYA.

LINDOYA.

Ó desditosa, ó triste,
Mesquinha, um só instante,
Durou o bem que amante,
Meo coração traçou!

Do meo porvir, ó mesta,
Cruel, magoada historia!
A luz da minha gloria,
Fatal nuvem toldou!

GUAYCAMBO.

Foi como um doce sonho,
Na veiga em flor sonhado!
Que ao despertar, anciado,
Em ais se mallogrou.

O dia fortunoso
Que a minh' alma evocava,
Mal seo albor raiava,
Na treva se occultou!

AMBOS.

Não sei que infaustas scenas
A Sorte me futura:
Sobre a nossa ventura
O Sol nem se deitou!

Fim do Acto primeiro.

## ACTO SEGUNDO.

Um sitio agreste: uma floresta, uma clareira, duas sendas; á direita uma, e outra á esquerda. É noute, vai pouco a pouco amanhecendo.

---

### SCENA I.

LINDOYA e GUAYCAMBO.

LINDOYA.

(Fóra da scena, approximando-se pela senda esquerda com Guaycambo: ambos apparecem no fim desta primeira, e começo da segunda estrophe.)

Ó muito amado, a ida
Tua suspende ainda;
É noute, esta dos astros,
A claridade é linda.

GUAYCAMBO.

Ó existencia minha,
Se eu al não consultara,

Toda a teo lado a vida
Se me escoara!

A luz que o Ceo branqueia
É o arrebol da aurora,
Que formosa me increpa
Tanta demora.

LINDOYA.

Não é a luz da aurora,
É sim a lua,
Que serena me aclara
A feição tua.

Esta de noute amena
É a luz saudosa:
Vê, inda o Ceo não doura
Matiz de rosa.

Oh! dá-me ainda
Mais este só momento:
Da ausencia eu provo
Já o invido tormento.

GUAYCAMBO.

Sim, meo amor supremo,
É noute ainda
Eu é que me enganava:
A manhan linda

Nem mesmo assoma no horisonte extremo.
Cuidado vão me anciava;
E que m'importa
A honra, a vida, tudo,
A par de um teo sorriso?!
Não me transporta
Sem ti o Ceo, e mudo,
O deserto é comtigo o Paraiso.

LINDOYA.

Ah! vem, meo doce encanto;
Volve de novo, ainda,
P'ra mim a face que o prazer me entranha.
Eu te amo: em puro agrado,
Celeste, estreme, infinda,
De certo est' hora ao mundo o Ceo estranha.
Porem que vêjo?! Ah! olha!
Vê! d'alva a cor se aposta
Já no confuso oriente;
A relva já não molha
O rocio, e na encosta,
Ouve, o tié já ergue a voz cadente.

GUAYCAMBO.

Mais um unico instante,
Ó cara amada minha,
Momentanea detença não me increpes.

A luz que o prado acorda,
Não é a luz do dia,
É sim a luz macia
Da Estrella sem rival.

Cuidado meo, recorda;
Ha um momento apenas,
Lenindo as minhas penas,
Tu não diceste-me al.

Não vês? — Repara como na campina
Reina ainda o silencio.
Não são taes d'alva os raios; são os astros
Que serenando a noute, a nossos olhos
Tornão lucida a treva.
Mal as montanhas se distinguem dubias
Na escuridão longinqua.

A voz que dice ha pouco,
A encosta sonorosa,
Não é da ave formosa
O canto matinal:

Foi sim o grito louco
De um passarinho ignaro,
Cuidando vêr o claro
Albor raiar no val.

LINDOYA.

Sêja embora o que dizes, posso acaso
Duvidar quando te amo?
Nada o confirmaria: attenta a noute
Qual sobre o êrmo paira,
E dos ingás em flor a sombra opaca
Avulta silenciosa sobre a relva!
Não, não é dia ainda.

Quanto é suave e mesto,
Delicioso o instante
Roubado ancioso, amante,
Aos ais de um apartar!

Como que a f'licidade
Cobra maior doçura
Na magoa da apertura
Que após a vai provar.

De certo o proprio ar me gira em torno
Mais puro e quasi ethereo.
Tudo respira paz, tudo é socego;
Não se ouve um echo, um son; a Noute adeja
Com invisiveis azas pela Terra:
Mais um momento de ineffavel dita!
Não, não é dia ainda:
Convem dilecto meo! Com os teos ditos

Minh' alma reserena:
Repete ainda; ah! dize.

AMBOS.

A luz que o prado acorda,
Não é a luz do dia;
É sim a luz macia
Da Estrella sem rival.

A voz que dice ha pouco,
A encosta sonorosa;
Não é da ave formosa
O canto matinal.

Foi sim o grito louco
De um passarinho ignaro,
Cuidando vêr o claro
Albor raiar no val.

(O sino ao longe toca a matinas.)

LINDOYA.

Mas não.... escuta! — Ouviste?
Já illudir-nos mais não é possivel.
É dia, adeos, é dia; é dia, ah! parte.

(Torna a tocar o sino.)

Attende! — Ouve, é o sino
Que ao Côro os padres chama

Á matutina prece.
Oh! parte! e um Deos benino
Lembre-te essa que te ama:
Jamais ella te esquece.
Oh! parte: adeos, sim, parte!
E a hora que te leva,
De quem em ti se enleva,
A mim tornado, nunca mais te aparte!....

GUAYCAMBO.

Adeos! É justo, adeos! Já no horisonte
Do dia a cor ressumbra, adeos! — Ah! quanto
Esta extremada pena mais me punge,
Cuja dor requintar vem a dor tua!

Não paga uma só lagrima
Desse magoado espanto
De mais precioso quanto
Homen neste orbe crê.

Quão facil é que esplendido
Formasse o Ceo brilhante
Quem deo ao teo semblante
Os dons que est' alma vê!
Adeos te digo.....

LINDOYA.

Ah! não; tem mão, detem-te

Um só momento mais! Porem que insania!
Não, parte; adeos! Ah! possão
Vêr-te ainda os meos olhos!

Esse que veste
No prado o lyrio,
Piedade tenha
Do meo martyrio!

Elle acompanhe
Sempre os teos passos,
E te devolva
Logo a meos braços.

GUAYCAMBO.

Em paz te fica; da minh' alma deixo
Comtigo a melhor parte!

Quando ditoso de vêr-te
O Ceo de azul se tingir,
Possa o teo labio tremente
Um só suspiro entreabrir.

Quando no deserto as urzes
Gemmarem ao teo passar,
Possa um instante o teo peito
O meo amor recordar.

Quando a sesta mysteriosa
A planicie embellecer,
Da calma a mudez te falle
De quem não sabe esquecer.

LINDOYA.

Quando a rôla inconsolada
Acordar o êrmo sertão,
A lembrança de quem te ama
Resurja em teo coração.

Quando o suspiro da noute
Fôr em tu' alma pousar,
Ouve em seo pungir secreto
Querelas de um muito amar.

Quando perfluente arroio
Por entre pedras volver,
Recordem-te os prantos tristes
Que hão-de estes olhos verter.

AMBOS.

Em quanto sol recem-nado
Fôr altos cumes dourar,
Não derem trevas as luzes,
E Terra, e Ceo perdurar:

Em quanto a lua a deshoras
Amantes ondas beijar;
E d'alva a estrella amorosa
Ao rosicler desmaiar:

Em quanto esta pouca vida
Um só alento animar,
Na ausencia ha-de a imagem tua
Sempre em minh' alma habitar.

---

## SCENA II.

LINDOYA.

Estou só? Não é sonho? É pois verdade!
Adonde estás, cuidado meo, adonde?
Já te não vêm os olhos que te virão?
De mim te foste, amigo? Ai! sorte infida!
Que tremendo Poder rodou-me o berço
E os astros meos nativos c'os esgares
Do mal lobrigou torvo?
Oh! duro apartamento! Amado, adonde,
Adonde estás que ouvir-me já não podes?
Em vão grito por ti, em vão te evoco:
O que é feito de ti, bem de minh' alma?
Oh! quando, quando te verei ainda?

Jamais talvez? .... Jamais! — Não, não me
engano!
O coração m'o diz, e diz-m'o a mente,
Prognostica de damnos.
Jamais, meo Deos, jamais; e hontem de esposa,
Hontem, hontem sómente,
Mal ha um dia, adur, hontem apenas,
Me aguardava no altar o nome lindo!
Ó mal ingente! Ó imprecavel cura!
Cruciosa afflicção! Senhor, conforto!
Ó Virgem, doce Virgem,
Immaculada e santa; Anjo radiante
Da minha guarda, em tanta dor valei-me!

O bem que espero
Jamais virá:
Mal de saudade
Me acabará.

Roube-m'o embora
Deos que m'o deu;
Mas esquecel-o
Poderei-eu?

Não, é debalde;
Nem mesmo o Céo
Meo peito amante
Fizera réo.

A imagem desse
Que tanto amei,
Dentro dest' alma
Conservarei:

Até que a morte,
Triste de mim!
Ponha ás saudades
E á vida fim.

O bem que adoro
Jamais virá:
Quem magoa tanta
Me lenirá!

Tornar, já o antevejo, ah! não, não ha-de:
Um presagiar de males incessante
M'o predestina infausto!
De negros omens se me tolda a mente;
Traja a minh' alma luto.
Mais nunca ao lado meo hão-de estes lumes
Garboso vêl-o como outrora, faustos,
Primar entre os mais bellos:
Nunca mais o arco seo, entre os guerreiros,
No ether a setta ha-de embeber mais longe,
Feliz de um meo olhar! Mais nunca em puro
Rapto de amor o bemdirão meos olhos!

Porque, meo Deos, eu não morri nos annos
Da meninice ignara?
Contárão brandos dias só os claros
Tempos da minha mal crescida idade!
Morte, Morte cruel, que infenso lance
Poupou-me a vida no encetar da aurora,
Qual flor que a Primavera vê pendida
No prado enflorecido!
Morte, que te hei feito eu? Porque tão crua,
Meos annos te movêrão? — Mas que agouro
Num deleitoso horror, se me desvenda?
Como um clarão extremo, no meo peito
Uma esperança ainda
Na escuridão me anima:
Tal de queimada fertil
Vê-se o lume fulgir mais claro no êrmo
Quanto é mais densa a treva.
Linda Esperança bella,
Ó Nume de meos pais que outrora amava,
Ao desditoso quantos bens não vertes!
Tu lhe destillas maviosa, grato,
O brando mel do olvido,
E ao prisioneiro que o supplicio aguarda,
Dôas sorrindo a vida.
Esperança gentil, embala est' alma.
Que ha-de tornar eu não, já não duvido!

Oh! dita, oh! gloria inestimavel minha!
Eu ditosa, eu feliz! Salve, benigna,
Peregrina Esperança!

Ceo, testemunha
De meo delirio,
Guarda a memoria
De um tal martyrio.

E vós, ó Euros
Compadecidos,
Levae-lhe as queixas
Dos meos gemidos.

Dizei que sempre,
Nestes retiros,
Se ouvirão crebros
Os meos suspiros.

Que as minhas penas
Só terão termo,
Quando o guerreiro
Voltar ao êrmo.

Tornarás, tornarás; presago arcano,
Não sei que encanto esperançoso e triste
Aos prantos meos agora o certifica.
Dos pensamentos meos o rio eu sinto

A terras abordar que são sós flores:
Por ti de mãe terei o nome ainda,
O nome amado que almejei sorrindo,
Quando innocente e immune,
Com incognito affan meo ser corria
De medo e de esperança,
No sonho ancioso de um porvir sem nodoa;
E os filhos de meos filhos, em teos braços,
Gracis imagens tuas,
Has-de embalar com meigas,
Ledas cantigas tristes:
Então lembrando as horas do passado,
Tu me olharás sorrindo e eu contente,
Aos Ceos alçando as vistas,
A longa vida bemdirei ainda.

Vós que isentas folgaes nesta selva,
Jandas Auras, ouvi meo reclamo;
Sobre os labios daquelle a quem amo,
Estes ais ide ao longe pousar.

Dizei que onde meos olhos o virão,
Nestes bosques, a vez derradeira;
Quero vêl-o tambem a primeira,
Quando torne ao meo fido aguardar.

Nestes sitios outrora formosos,
Que o seo gesto encantava algum dia;

Té que volva com elle a alegria,
Triste pranto a verter me ha-de achar.

---

## SCENA III.

LINDOYA e CEPÉ.

LINDOYA.

Cepé! . . . .

CEPÉ.

Lindoya!... (amor!) Então é certo
Que hoje de esposa ainda
Te não pertence o nome? . . .

LINDOYA.

Mas não esperes, louca
Seria essa esperança: alto successo
Espaça a dita que a minh' alma anceia.

CEPÉ.

E tu de m'o dizer não te amerceias!
Eu sei que evento inesperado e grave
Me alonga a vida e te differe a gloria.
Dos santos Padres levo

A resposta aos injustos aggressores
Da nossa liberdade; esses tyrannos
Que a nudez nossa invejão!
Por companheiro a mim Guaycambo derão:
Feliz escolha; o venturoso e o triste!
Duplice encargo e honra entre estranhezas
De uma agonia intensa sepultado,
Solicitar-me foi. Da aldeia a egregia
Cohorte dos guerreiros me obedece:
Unicamente a mim Guaycambo cede.
Partir não quiz sem vêr-te — a derradeira
Vez se em presagios crêr licito fosse.
Um ominoso futurar m'o agoura,
Que me adita e me atterra juntamente,
(Na vida ao menos contemplar-te logro!)
Contados dias tenho e são já poucos. —
Estes retiros, já defeso abrigo,
Vão carecer de paz e segurança:
Do encapellado Ceo, eu não me illudo,
Congregadas procellas se despenhão.
Ah! felicissimo eu! se ensejo fôrão
Taes tempos de que a prova mais somenos
Me consentisses — (Que de azares vejo
Cumularem os proximos succcessos!)
Exhibir-te do meo amor supremo,
Não van solicitude antes dissera.

Tem mão! — Não me amesquinhes esta extrema
Mercê que, ultimo bem, de ti depreco:
Ter não deves receio; ha-de bem pouco
A minha gratidão importunar-te.
Curar, velar por ti, zelar teos dias,
Gloria indizivel minha! ah! não m'o negues!
O que devo fazer? — Ordena, manda.

LINDOYA.

Não ha na Terra nada,
A não sêr o olvidar-me,
Em que Cepé me obrigue.

CEPÉ.

Não basta o desamor, desdem lhe juntas!
Quem t'o impede? Persiste! assaz ainda
Tu não ergueste do exterminio a obra:
Repete, amiuda os despiedosos golpes.

Serena f'licidade
Na minh' alma habitava!
Ao bem que me affagava,
Tu deste acerbo fim.

Morada no meo peito
Dispunha alta Ventura;
Encanto, paz, doçura,
Tudo acabou p'ra mim.

O sol tinha reflexos,
A veiga tinha flores;
A Terra tinha amores,
Que hoje p'ra mim não tem.

Ao meo porvir formoso
Tu deste um fero corte;
Já só me resta a morte,
Oh! Ceos! . . . e ella não vem.

LINDOYA.

Mortifica-te embora! A teos excessos
Costumada eu estou. Ousas insano
Porfiar em empenho que é demencia!
Que queres, que pretendes? Teos extremos
Assaz ainda repellir não sube?
Que mais exiges? Com notorio applauso
Não disfructas mil bens, vulgar assumpto?
Á minha f'licidade inda te attreves!

CEPÉ.

Sejão meos bens os teos, tuas as glorias!
Quejando o fado meo. . . . Mas não te enganas;
Venturas tens infindas que invejar-me:
Cuidados, ancias, afflicções, augustias
E mil pezares, tantos, que a minh' alma
Prostarão de anxiedade; assim arbusto

Que ornava de verdor secreta fonte,
Hausta a prospera veia,
Na canicula ardente a sesta afflige.
Não foi p'ra mim que o Ceo ornou de encantos
A sazão dos amores!
Deserto e solitario,
As vernaes crenças minhas, uma a uma,
Abandonado me hão, todas, quaes frageis
Petalas de uma flor que os Austros batem
Desabrigada ao longe.
Folga, exulta, jubila e te compraze
Na iniquidade tua: attenta! dize!
Que mór mal neste mal inda me resta!
Malnascidos os dias que imprevisto,
Eu sem mesura, te votava e hoje,
Innumeros me opprimen como os montes
Que peccadoras terras acabrunhão!
Nefando, ingente peso! — Arida, nua,
O germen de um só bem, uma esperança
Nest'alma devastada não abrolha.
Em agraço murchou minha ventura;
Desesperança e dor tenho por sina
No desabrido curso de meos annos.
Em má hora, em má hora se me antoja
A ideia que entre almejos e sorrisos,
Pela imagem de bens mil agitado,

Nidificante sopro concertara!
Da leda e tenra idade o companheiro,
Irmão, ou quazi irmão, pois tal elle era,
Senão no sangue, em partilhado affecto;
Foi quem primeiro a mim arrebataste!
Odio por elle e amor luctão irados
Na que já foi ditosa, mente minha.
Elle amou-te, ou talvez benigna um dia ...
Espiritos do mal assaz! ... que sinto? ...
Que intensa chamma na minh' alma exarde?!
Odio dice e amor? ... amor! ... que digo!
Furia sem par ao meo rancor o indica:
Se o teo amor p'ra mim o não sagrasse ...

LINDOYA.

Guaycambo te não teme; entre os guerreiros
Se repete o seo nome ....

CEPÉ.

Elle houvera vivido:
Fraternal sangue contra mim bradara!
De damno em damno resvalando amente,
Horror!.... em que atro abysmo despenhei-me! —
Elle roubou-me quanto
Nesta existencia infausta eu só prezava!

LINDOYA.

Ouve, Cepé! de soes sem conta ainda
O computo felice se te antolha:
Cobra alento. Preciso é pois que o diga?
Com entranhas d'irman eu sinto, eu vejo,
Ai! sem poder valer ás penas tuas
Não invejes um bem tão diminuto,
A preferencia exempta
Que o acaso dispoz: esquece . . .

CEPÉ.

Nunca . . .

LINDOYA.

Animo! eia, Cepé! Quão longa a vida! . . .

CEPÉ.

Maior minha agonia!

LINDOYA.

Do que tu quem mais apto, ou mais idoneo
Para um peito gentil mover a amores?
Não sobr'estimes um fortuito caso
De precaria ventura; é como um sonho:
Que transes o accordar, quem sabe, envolve!
Tu o dizes feliz: e o que ha no mundo
Que f'licidade sêja,
O que ha que permaneça?

Nasce a manhan serena e bonançosa,
E um só rapido instante
Traz a borrasca ao Ceo que anil cobria.
Giquitibá sem par, que a clara aurora
Vira emular co'as nuvens,
Jazendo a noute o encontra na campina
E o Sol pasma admirado!
Ao ver prostrada a coma a que alterosa,
Puzera o seo fulgor assedio inutil
Por diuturnos annos.
Tu o dizes feliz! — Ó Deos superno!
E distante, quiçá, de minhas vistas,
Cruenta morte o aguarda!

CEPÉ.

Ó filha de Cendy, ó a mais bella
Entre as que ao longe o êrmo embellecido
Proclama as mais formosas,
De um triplicado bronze o veste e ampara
Teo lastimoso pranto.
Perigar póde acaso
Esse por quem taes votos aos Ceos mandas!
Se um' unica das lagrimas que terna,
Contristada pranteias fosse dada
A mim — (Ah! eu mofino, eu miserando!)
Inerme e incerto, trepidante, imbelle,

Meo coração recuara ante o prospecto
Remoto de um perigo só que fosse. —
De alento em quanto me restar, te juro,
Um' anima sómente,
Hei-de a delle escudar com esta vida.
Podesses tu, é quanto peço, um dia,
Um dia ás vezes, no correr dos annos,
Num suspiro lembrar-me, um só e alegre
Ha-de minh' alma bemdizer do Eterno.

Ou juntos, ou só elle
Ha-de a teos pés voltar:
O que aproveita ao triste
De incolume tornar?!

Não tenho eu um sorriso
Com que o meo partilhar,
Um labio onde o meo labio
Amor possa encontrar.

Junto ao lar solitario
Se enfim me hei-de finar,
Com gloria sobre o campo
Mais quadra o acabar.

Sob o ingá do êrmo,
Ninguem virá chorar;
Ninguem o meo deserto
Jazer ha-de adornar!

LINDOYA.

Não mais! — Tem mão, desiste; soffre ainda
Que eu repita o que dice: enternecido,
Com piedosa affeição, qual só me é dada,
Compuncto o coração por ti eu tenho.
As suggestões de dor que é sem remedio
Rechaça de tu' alma; a ti te vence:
Não dês que transitoria magoa e pouca
Do guerreiro sem medo o animo dobre.
Em ignominias mil incorres; teme,
Teme que a ignavia se te lance em rosto
De um peito mulheril c'o presupposto
De esforçadas acções acobertares.
Dos que armas vestem nestes largos campos,
Escol destas campinas,
Tu ornato e primor, varão sem pecha,
Não sejas visto de um pezar ao jugo
Curvar humilde o já soberbo collo.
Quem mais funda a zagaia ao longe encrava?
Quão facil curva o cedro
Ante o teo braço armado!
Quem melhor dôma o corredor no vasto?
Quem subjuga a novilha com mais força?
Na juxta leve alguem houve algum dia,
Que te roubasse a palma?
Já te virão falhar no ether longinquo

O ralhador tyriba?
Acaso na alta suma-uma a arára
Zombou de tuas settas?
Quem das exuvias do leão das serras
Mais vezes adornou-se?
Ouve! — Pergunta ás filhas do deserto
Qual o mais bello entre os mancebos que ama
A Virgem dos combates!

CEPÉ.

Subidos dotes que o amor grangeião
Daquella a quem só amo!

LINDOYA.

Sim! quem mais digno, ou do que tu mais proprio
Para inspirar um brando e puro affecto?!
Esforça-te; não deixes com deslustre,
Que van consternação assim se apposse
Do coração teo nobre.
Longa ante os olhos teos se espaça a vida;
Nem ha nos prados gloria a que não possas
Aspirar sem vaidade.
Porque de odiandos nojos a noss' alma
Sem causa ha-de aggravar-se? — Infindas, tantas
Razões nos sobrão de veraces magoas

Que para deploral-as nós devemos
Os prantos nossos reservar zelosos.
Crê-me, serás feliz; supera um breve,
Passageiro desgosto:
Não dês ao que o não tem, valor tão alto.

(Fazendo menção de alongar-se.)

Sim, entre nós em breve,
Eu te verei tornar;
E em vez da que o não deve,
Quantas não te hão-de amar!

Outra de que eu mais bella,
Tu ainda has-de achar;
Dar-te a ventura ha-de ella,
Que te não posso eu dar.

CEPÉ.

Nunca jamais! .....

LINDOYA.

Espera em Deos, e o tempo
Ha-de lenir teos males ....

CEPÉ.

Só a morte!

UMA VOZ FEMININA.

(Principia distante, approxima-se e passando propinquissima, vai pouco a pouco sumir-se ao longe.)

Lindoya! escuta! ouve! Lindoya! aonde!
Que recesso te esconde ....
Que só a selva ..... ao meo chamar .....
responde!

LINDOYA (affastando-se pressurosa).

Guie-te o Ceo por vias suas!

CEPÉ.

Pára!

---

## SCENA IV.

CEPÉ.

Ó virgem mais formosa do que quantas
A Manhan linda com amor contempla,
Mais bella do que todas as que a Noute
No regaço de flores adormece!
Ó mór de quantos bens se fosses menos
Rica de formosura, ou já mais docil
Teo fero coração! — Mas devaneio!

Revezo Nume! quanto tempo ainda
O credulo meo peito ha-de alentar-se
De falsas esperanças e mentidos
Espectros de ventura?
Que demencia lethal demora infanda
Nest' alma desvairada?!
Em empenhado repto p'ra meo damno,
Á Desventura deo gages o Fado.
Eu já vivi, meos dias,
Ralé de males mil, escholio delles,
O Infortunio marcou por seos no livro
Fatal do alto Destino.

Qual viajante
Que naufragado,
Esperançado,
Combate o mar:

Vai pouco a pouco,
Desfallecendo;
E esmorecendo,
Poem de luctar:

Larga os destroços,
E quanto antes,
Os seos instantes
Pede acabar:

Tal, desditoso!
No entumecido
Mar que, attrevido,
Quiz navegar:

Eu já não tenho
Uma esperança;
Nem a bonança
Me ha-de salvar!

De certo um outro
Teos olhos bellos
E os teos desvelos
Ha-de gozar!

E nem no acaso
De um dia ocioso,
Do infortunoso
Te has-de lembrar!

Fim do Acto segundo.

## ACTO TERCEIRO.*

Acampamento das forças portuguezas e hespanholas.

---

### SCENA I.

As sentinellas trocão o grito de alerta que se perde ao longe; vai amanhecendo. Tambores e trombetas tocão a alvorada.

ANDRADA e MENEZES.

MENEZES.

É forte a posição que occupa o corpo
Dos Indios insurgidos, e denota
Experiencia e 'strategia: com pericia
Dispostos elles 'stão sobre uma larga,
Ventajosa collina que de um lado
É coberta de um bosque, e do autro lado

---

* Vêja-se o «URUGUAY», Canto II.

Corre escarpada e sobranceira a um rio.
Ao que reputo, no seo campo ensejo
A lazer não se dá: os congregados
Padres accorrem de missões distantes
E os exercicios bellicos só cessão
Por orações communs interrompidos.
Repetem-se as manobras mal assuetas
Com sedula efficacia, nem petrechos
De guerra lhes fallecem. Consta mesmo
Que de excellente espirito animados,
Com fanatico ardor a repellir-nos
Se tem apercebido e achão prestes.
Os Padres reunido hão grão conselho:
Cruzão-se os emissarios; sem descanso
Cada qual se adopera e no alvoroço
Que facil é entre elles discernir-se,
Ha não obstante incontestavelmente,
Ordem, alacridade e disciplina.
Em roda ao nosso acampamento varios
Cavallos tem já sido descobertos
Brancos de espuma e de cansaço arfando;
Ou buscão, ou reforço esperão breve.
Senhor, nestes desertos encontramos
Mais do que se esperava, e me parece
Que só por força de armas poderemos
Sujeitar estes povos.

ANDRADA.

É possivel:
Mas tentem-se primeiro os doces meios
De brandura e de amor; se isto não basta,
Farei a meo pezar o ultimo esforço.
Repugna-me porem devoto povo
E ignaro exterminar, o qual na vida
Preço não poem algum, e cujos filhos
Sabem morrer em sua rudez simples,
Como da Europa o esplendido guerreiro.
Vós porem que ao que infiro, destas gentes
Com ardente interesse tendes feito
(Dicestes-m'o vós proprio, se não erro.)
Particular estudo, recontae-me
O que pensaes e tendes colligido
Sobre os povos que habitão numerosos,
O meridião deste hemispherio novo.

MENEZES.

Arduo assumpto abordaes, General; devo
Dizer-vos que são meras conjecturas
Ao que attingir se pode com os dados
Que reunir possivel me tem sido.
Não duvido porem, segundo entendo,
De que os Brazis são uma nação, todos,
Que dividida em hordes avassalla

A maior area das regiões deste austro.
Com certeza menor me é licito inda
Determinar as relações que existem
Entre estes povos e outros, bem que ponha,
Se em simples inducções firmar-me é dado,
Ter deste continente a maior parte
Por um' outra nação sido habitada,
Cujo imperio a actual ha subvertido;
No disputado solo supplantando
Os vencedores ao vencido, como
Inculcar a frequencia, presumira,
De infimos gruppos de diversa lingua,
Mas consona entre si, ou eu me engano,
Que ante as armas da hoste victoriosa
Mantem-se ainda em não ligados pontos.
Donde é porem uma provinda e outra?
Difficillimo fôra o responder-lhe,
A não ser que linguisticas pesquizas
Retraçar fação o perdido trilho,
O qual de lingua em lingua, recolhendo
Preciosos indicios, para o norte
E poente parece dirigir-se,
E fallecer dissera-se ante o influxo
De uma nova invasão de um outro povo,
De differente estirpe e menos rude,
Que os anteriores incolas morantes

A commettida terra, então levando
Á força d'armas, movimento derão
Que hoje ainda perdura, destas gentes
Ao complexo dest' arte fraccionado.

ANDRADA.

Com effeito, as notaveis semelhanças
De costumes e lingua, e o systema
Dos habitos e vida em tantas partes,
Já nuns, já noutros, na apparencia mostra
De muitos delles a commun origem.
Mas em particular dos que ora occupão
Estas Missões que nos disputão, tendes
Especial noticia? Manhas, traços,
Eventuaes successos, regimento,
Quanto saibaes me referi, vos peço;
Que indole e genio seo mal explicar-me
Posso no embate de contrarias vozes.

MENEZES.

Ou nada, ou pouco referir-vos posso
Que já patente não vos tenha sido.
O regimen, os ritos, a doutrina,
Ordem, administração e escrupulosa,
Severa disciplina tanto quanto
É dado conhecer, dos relatorios

Ministrados nos jazem manifestos;
Nem tenho a meo saber, que accrescentar-lhes.
Corre porem que já não é recente
A introducção de abusos, se bem quadra
Esta palavra, e applicação ter pode
Em tão estricta regra; e que entre os Padres
Harmonia maior ha já reinado.
Não é estranho pois que em consonancia
C'o que diz o proloquio divulgado:
«A exemplo dos Reis compoem-se o mundo»,
Co' a lição tambem nisto conferido,
Dos Mestres santos, tenhão os pupillos.
Com effeito, se credito devemos
Dar ás informações que recolhidas
Hão sido ultimamente, nova Helena,
Lindoya venustissima a discordia
Tem semeado nos campos de Agramante
C'o formoso luzir dos puros olhos.

ANDRADA.

Assim referem. — Coronel, belleza
Achais porem que possa haver sujeita
Aos accidentes que esta raça ostenta?

MENEZES.

Ardua resposta, General: do lume
O ardor quem sentir pode como queima

Sem no estar em si proprio exp'rimentando?
Mas se me permittis, desta recente,
Actual designação das novas lindas
Que ajuizaes? — Deste ultimo tratado
O espirito, os motivos são-me arcanos.

ANDRADA.

E a quem deixão de o ser! Eu igualmente
Não nos penetro, e averigual-os, cuido,
Poucos o poderão; mas o futuro,
Oxalá me engane eu! ostender ha-de
As acanhadas vistas que dictarão
Medidas tão improvidas. Receio
Que estes padrões ser hão-de monumentos
Tambem do pouco aviso dos decretos
Que influição poderão no conjuncto
Ter dos juizos que tal determinarão.
Do grão Marquez não são taes as doutrinas,
Que assim jamais cincara eximio engenho.
Outras razões, razões estranhas forão
As que no ensejo actual predominarão.
Preconceitos de patria não me movem,
Nem de injusta ambição lições consulto;
Mas ha dados fataes, impreteriveis
Em certas circunstancias que vedado
É não considerar, ou ter em menos.

Taes são as condições que dependentes
Fazem do seo complexo a vera gloria,
Paz e prosperidade dos imperios;
Taes são os elementos que o obreiro
Na producção do seo labor coaduna,
E cuja concurrencia indispensavel
Á perfeição é da esboçada obra.
Terriveis Albuquerques, Castros fortes,
Lamenta ind' hoje a patria o desvario
Com que os vossos conselhos poz no olvido!
Outras nações de certo hão-de seguil-os,
Arrebatando a gloriosa palma
Que nos tinha a fortuna destinado.
A grandeza de um reino é cousa pouca,
Pois de estreitos limites no recinto
Perfelizes ser podem os vassallos:
Não existem porem unicamente
Em relação a estes os estados,
Mas na historia do mundo justo influxo
Lhes compete exercer, illuminados
Em sua direcção pela consciencia
Da genesis fecunda dos eventos
Que o regimento do orbe manifestão.
Esguardando estes factos cuido serem
Os imperios maiores que sómente
Os deveres de Estado desempenhão

Completamente, emquanto os mais restrictos
A elles attender podem apenas
Na mais somenos parte. É veramente
Um grande Estado um' encarnada ideia
Da viva Humanidade, a qual actua
Na razão do Universo como do homen,
As dispares grandezas medeiando
E o raio ingente do diverso alcance,
Factor igual na limitada mente.
As ideias que heroes dos mortaes fazem
Co' a permanencia valida, inflexivel
Que em bem fadar não cansão os destinos,
As massas penetrando, ou conduzindo,
São as que sagrão as nações eleitas
Cujos nomes esculpe a Providencia
Nas paginas da historia quaes divisas
Que jamais retrocedem, ou se perdem,
Dos progressos sem par da humana prole:
Mas de colloquios taes o ensejo é outro.
Estes páramos e ermos me acabrunhão
E a cada passo lembrão o prospecto,
De a estes povos atacar com armas
A que, indefezos, resistir não podem
E tem de succumbir; mas não sem penas
Dar sanguinosas por alheios erros!

MENEZES.

É com effeito duro caso e triste!
Mas occorre dizer, dos prisioneiros
Que temos, General, que será feito?

ANDRADA.

Ordenado hei que de vistosas cores
E das luzidas galas ataviados
Que tanto lhes apraz e mais deleita,
Dados á liberdade fossem todos
Sem dilação. — Eil-os que chegão: vêde.

---

## SCENA II.

Os mesmos: alguns indigenas vistosamente adornados, em custodia de soldados.

ANDRADA.

Ide, filhos; a liberdade eu dou-vos:
A vossos lares regressae e quero,
Se galardão mereço, unicamente
Que aos paes e irmãos digaes, irmans e filhas,
Que os Portuguezes taes não são quaes dizem,
Tyrannos oppressores,
Mas terriveis na guerra e no combate;

E humanos, apoz, mites, bondadosos.
Podeis-vos ir em paz, torno, estaes livres.
Os bons desejos meos vos acompanhão.

---

## SCENA III.

ANDRADA e MENEZES.

MENEZES.

Nimio não ganhareis; os mesmos que ora
Recebêrão os dons com que os prendastes,
Tocados de vergonha se pejárão,
Ao campo seo tornados,
De propicios nos ser, suppondo mesmo
Que por nós grata lhes fallasse (é raro),
Um' alma prevenida.

ANDRADA.

Não duvido:
Porem com quanto a nossa causa temão
De favonear, ou sêja que o não queirão,
Por si somente assaz o simples facto
De os vêr tornados, e gentil-vestidos,
Em nosso abono aos mais por nós se exprime .....

(Entra um soldado.)

O SOLDADO (para Andrada).

Nos postos avançados vem dous indios
Com visos de emissarios, e presumem
A vós fallar: alta embaixada, dizem,
Os traz ao nosso campo.

ANDRADA.

Sem mais demora a mim guiae-os prestes.
(Vai-se o soldado.)
Coronel, que dizeis? O Ceo secundo
Parece aos nossos votos. Eu da propria
Situação das couzas tudo espero.
Seria não pode ser a resistencia
Que se nos tem opposto e só intentão
Sondarem-nos, ajuizo, animo e mente.
Não concordaes tambem: porem não vejo
O que os padres suadira a insania tanta.

MENEZES.

É cedo ainda, General; é proprio
Aguardar e veremos: eu supponho
Lisonjear-vos nimio o generoso
Empenho bemnascido que vos move.

ANDRADA.

Confesso, é certo, que daria muito
Para poder poupar essas illusas

Turbas sem defensão antes que armadas.
Da mensagem porem avisto os nuncios.
Que missiva trarão? É paz, é guerra?

MENEZES.

Incontinente o saberemos: eil-os.

---

## SCENA IV.

Os mesmos: CEPÉ e GUAYCAMBO, sem armas, introduzidos por soldados que se affastão.

ANDRADA.

Glorio-me de vêr-vos se é verdade,
Pregões sois dessa paz que tanto almêjo.

CEPÉ.

Ó poderoso Cabo, o teo designio
Tem alistado quanta gente bebe
Do soberbo Uraguay a esquerda margem.
Bem que os nossos avós fossem despojo
Da perfidia da Europa, e daqui mesmo
C'os não vingados ossos dos parentes,
Se vêjão branquejar ao longe os valles,
Eu desarmado e só buscar-te venho,

Tanto espero de ti! E emquanto as armas
Dão lugar á razão, senhor, vejamos
Se se póde salvar a vida e sangue
De tantos desgraçados.
O dilatar-se a entrega destas terras
Está em nossas mãos até que um dia
Informados os reis nos restituão
A doce paz antiga.

ANDRADA.

Valoroso iminigo, é toda engano
A crença em que viveis sobre o bondoso
Proposito do Rei que aqui me envia.
Não é a escravidão nem a miseria
Que elle, benigno, quer que o fructo sêja
Da sua protecção. Esse absoluto
Imperio illimitado que exercitão
Em vós os padres, como vós vasallos;
É imperio tyrannico que usurpão.
Nem são senhores, nem vós sois escravos;
O Rei é vosso pai: quer-vos felizes.
Sois livres, como eu sou; e sereis livres,
Não sendo aqui, em outra qualquer parte:
Mas deveis entregar-nos estas terras.
Ao bem publico cede o bem privado,
O socêgo da Europa assim o pede;

Assim o manda o Rei. Vos sois rebeldes,
Se não obedecerdes.

CEPÉ.

Tu vês, Guaycambo; é certa
Essa malevolencia que apregôa
Do mundo a voz; quando a Cubiça falla,
Emmudece a Justiça!

GUAYCAMBO.

Ó General famoso, muito tempo
Pode ainda tardar-nos o recurso,
Com o largo oceano de permeio,
Em que os suspiros dos vexados povos
Perdem o alento. Mas se o rei de Hespanha
Quer ao teo rei dar terras com mão larga,
Que lhe dê Buenos Aires e Corrientes
E outras que tem por esses vastos climas:
Porem não póde dar-lhe os nossos povos.
E inda no caso que podesse dal-os,
Eu não sei se o teo rei sabe o que troca;
Porem tenho receio que o não saiba.
Eu já vi a Colonia portugueza
Na tenra idade dos primeiros annos,
Quando o meo velho pai com nossos arcos

As sitiadoras tropas Castelhanas
Deo socorro, e medio com vosco as armas.
E quererão deixar os Portuguezes
A praça que avasalla, e que domina
O gigante das aguas, e com ella
Toda a navegação do largo rio,
Que parece que poz a Natureza
Para servir-vos de limite e raia?....
Será; mas não o creio. E depois disto,
As campinas que vês, e a nossa terra,
Sem o nosso suór e os nossos braços
Qu' importão ao teo Rei? Aqui não temos
Nem ricas minas, nem os caudalosos
Rios de areias de ouro. O matutino
Surgir no agreste colmo, a frugal meza,
O canto, a pesca, a dança, a caça, e ledos,
Um hymno doce nos domingos santos,
São nossos bens; a nossa lei é a vossa,
Temos o mesmo Deos que amamos juntos....
Volta, senhor; não passes adiante:
Que mais queres de nós? Não nos obrigues
A resistir-te em campo aberto; pode
Custar-te muito sangue o dar um passo.
Não queiras vêr se cortão nossas frechas;
Vê que o nome de rei não nos assusta.

ANDRADA.

Generoso Guaycambo, ó alma nobre!
Digna de combater por melhor causa!
Vê que te enganão, risca da memoria
Envelhecidos, mal fundados odios;
Por mim te falla o Rei: ouve-me, attende:
Eu sei que não sois vós, são os bons Padres
Que vos dizem a todos que sois livres,
E se servem de vós como de escravos.
Armados de orações, vos poem em campo
Contra o fero trovão da artilheria,
Que os muros arrebata, e se contentão
De vêr de longe a guerra, sacrificão,
Avarentos do seo, o vosso sangue.
Eu quero á vossa vista despojal-os
Do tyranno dominio destes climas,
De que a vossa innocencia os fez senhores....
Dizeis que ao nosso Rei não tendes medo?
Porque está longe, julgas que não póde
Castigar-vos a vós e castigal-os?
Os Reis estão na Europa; mas adverte
Que estes braços que vês, são os seos braços.
Dentro de pouco tempo um meo aceno
Vai cubrir este monte e essas campinas
De semivivos, palpitantes corpos
De miseros mortaes, qu'inda não sabem

Por que causa o seo sangue vai agora
Lavar a Terra, e recolher-se em lagos!
Não me chames cruel: em quanto é tempo,
Pesa, medita, e dize.

GUAYCAMBO.

Gentes da Europa, nunca vos trouxera
O mar e o vento a nós! Ah! não debalde
Estendeo entre nós a Natureza
Todo esse plano espaço immenso de agoas!...

CEPÉ.

Ó General, Guaycambo, eu quazi o crera,
Fez mais do que devia; todos sabem
Que estas terras, que pizas, o Ceo livres
Deo a nossos avós; nós tambem livres
As recebemos dos antepassados;
Livres as hão-de herdar os nossos filhos.
Desconhecemos, detestamos jugo
Que não sêja o de Ceo, por mão dos Padres.
As frechas partirão nossas contendas
Dentro de pouco tempo; e o vosso mundo,
Se nelle um resto houver de humanidade,
Julgará entre nós; se defendemos,
Tu a justiça, e nós Deos e a Patria!

ANDRADA.

Enfim quereis a guerra? Tereis guerra.
Podeis partir-vos; ide,
Que tendes livre o passo; mas primeiro —
(Cinge a Guaycambo a sua propria espada.)
Guarda em lembrança minha esta constante,
Leal amiga e companheira fida.
Quanto ella vale has-de saber em breve.
Olá!.... trazei-me o arco
Poderoso e temido,
Aljava e settas que ao partir da vida,
Deo-me em batalha o grão Anhangaûna.
(Para Cepé.)
Tu varão alteroso,
Da minha mão recebe este singelo.
(Dando-lhe o arco e aljava que traz um soldado.)
Don que em valor realça a minh' estima.

CEPÉ (sobraçando a aljava).

Ó General illustre, eu te agradeço
As settas que me dás, e te prometto
Mandar-t'as bem depressa uma por uma,
Entre nuvens de pó, no ardor da guerra.
Tu as conhecerás pelas feridas,
Ou porque rompem com mais força os ares.

P'rá frente da hoste intrepida,
Guerreiro magno, eu te aprazo;
Lá onde não pode o acaso,
Procura, tu me has-de achar.

A mim só abate a pallida
Imagem de um povo exsangue;
Mas em vós recaia o sangue
Que a Ambição vai derramar!

Fim do Acto terceiro.

## ACTO QUARTO.

Uma vasta planicie; no horisonte algumas collinas pouco elevadas: physiognomia da natureza correspondente ao lugar. O cemiterio: ao longe, a uma certa distancia, o templo e mais edificios da Missão. Ouve-se de quando em quando, o son abafado da artilharia e armas de fogo, de envolta algumas vezes, com o clangor longinquo das trombetas.

---

### SCENA I.

FREI LOURENÇO, FREI DOMINGOS, FREI RAPHAEL e um numero avultado de Padres. O côro: velhos, mulheres, meninos e crianças.

OS PADRES (alternadamente).

Domine exaudi orationem meam, auribus percipe obsecrationem meam in veritate tua: exaudi me in tua justitia.

Et non intres in judicium cum servo tuo: quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens.

Quia persecutus est inimicus animam meam: humiliavit in terra vitam meam.

Collocavit me in obscuris sicut mortuos saeculi: et anxiatus est super me spiritus meus, in me turbatum est cor meum.

Memor fui dierum antiquorum, meditatus sum in omnibus operibus tuis: in factis manuum tuarum meditabar.

Expandi manus meas ad te: anima mea sicut terra sine aqua tibi.

Velociter exaudi me Domine: defecit spiritus meus.

Non avertas faciem tuam a me: et similis ero descendentibus in lacum.

Auditam fac mihi mane misericordiam tuam: quia in te speravi.

Notam fac mihi viam, in qua ambulem, quia ad te levavi animam meam.

Eripe me de inimicis meis Domine, ad te confugi: doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu.

Spiritus tuus bonus deducet me in terram

rectam: propter nomen tuum Domine, vivificabis me, in aequitate tua.

FREI LOURENÇO.

Educes de tribulatione animam meam: et in misericordia tua disperdes inimicos meos.

OS PADRES.

Et perdes omnes, qui tribulant animam meam: quoniam ego servus tuus sum.

FREI LOURENÇO.

Gloria, Senhor, a vós lá nas alturas:
Socorrei-nos nest' hora atribulada!
Não retireis de nós em vossa ira,
As promessas da vossa paz sagrada.

LINDOYA (para Frei Lourenço).

Padre não sei que amargo, ingente, insano
Pungir o peito me transfixa agudo!
Presagio horrendo o coração me enluta...
Ó Padre, ó Padre, eternamente, nunca
Hão-de os meos olhos mais tornar a vel-o:
Sem remissão perdido o hei p'ra sempre.
Infausto, infando desespero immenso
Me rasga d'alma a dolorosa vida...

Orae por mim: eu tremo, eu morro; acaso
Posso esperar ainda!

FREI LOURENÇO.

Aguarda, filha; o desespero é crime:
Vem de Deos todo o allivio. Elle conhece
O mais secreto affan, e á mais escusa
E mais obscura queixa tanto presta
Complacentes ouvidos,
Como de rei soberbo ao orgulhoso,
Esplendido infortunio.
Perante o seo olhar o que são mundos!
Delles o seo poder num só instante
Myriades creara.
Nelle depoem a esperança tua:
Ora comiga, ó filha; unja os teos labios
A oração fervente.

LINDOYA.

Sim, Padre; oremos juntos.
Lina o meo peito, ameigue
A santa prece a dor dest' alma triste.
Já mal orar eu sei; arquejo, angustia
Cruel me côa pela veia e cala
Nas entranhas da vida e amago della.

FREI LOURENÇO.

A Virgem, mãe dos tristes, nos conforte:
Ergão-se as preces nossas ante o trôno
Onde a Pureza rege!

LINDOYA.

Sim, Padre, oremos; alentae-me, oremos:
Benigno o Ceo de mim compaixão sinta.

FREI LOURENÇO.

Aurora de Esperança,
Que ao mundo dás bonança.

O CÔRO E PADRES (genuflexos).

Intercedei por nós.

FREI LOURENÇO.

Perfeita Formosura,
Que dás ao Ceo brandura.

O CÔRO E PADRES.

Intercedei por nós.

FREI LOURENÇO.

Mysterio de Belleza,
Que esplendes lá da altezâ.

O CÔRO E PADRES.

Intercedei por nós.

FREI LOURENÇO.

Estrella sobre os mares,
Que poens peia aos azares.

O CÔRO E PADRES.

Indercedei por nós.

(Ouvem-se subitamente ao longe, descargas repetidas.)

LINDOYA.

Não me desampareis, Padre, influi-me
Em vossas vozes novo esforço ainda.
Eu só postulo um' esperança, e embalde
Escuto os ares e o deserto anceio.

Nem ouso orar, só posso
Desvairada gemer.
Só diz-me qu'inda vivo
O arfar do meo soffrer.

FREI LOURENÇO.

Supplica humilde a essa Virgem Santa,
Mãe desolada qu'innocente o filho.....

LINDOYA.

Não me é possivel, Padre;
Atochado de affan, de angustia e pranto,

Meo coração de dor transborda e estala:
Deseperança infinda me desseca
N'alma as fontes da vida.

Quero rezar, não posso;
Quero esperar, não ouso;
E em vão busco repouso,
Na dor do coração.

Espero e desespero,
Rio offegante, e choro;
Vou deprecar, e ignoro
Se pude orar, ou não.

---

## SCENA II.

Os mesmos, e PINDÓ que entra de impeto com noticias do campo.

FREI LOURENÇO.

Pindó! que vêjo! .... Então, dize; que novas?

O CÔRO.

Que novas? ... dize .....

LINDOYA.

Falla: sim, Guaycambo? . . .

(Pindó recuperando folego, acena impetrando silencio.)

O CÔRO.

Ó da incerteza
Tormento activo!
Na redondeza
Não no ha mais vivo.

LINDOYA.

De angustia preza,
Sem lenitivo,
Nesta incerteza,
Morro, não vivo.

PINDÓ (recobrando alento).

Padre, os maus Genios contra nós porfião:
Tende virtude . . . .

O CÔRO.

Guai! . . . .

PINDÓ.

Desbaratadas . . .

O CÔRO.

Prosegue! . . .

PINDÓ.

As copias nossas ....

O CÔRO.

Dize! ....

PINDÓ.

Forão ....

O CÔRO.

Ainda mal!

LINDOYA.

Guaycambo? sim, Guaycambo? ....

FREI LOURENÇO.

Meo Deos, aos inimigos teos subtrae-me;
Está de angustia est' alma aos pés teos prona:
Appressa-te, Senhor, em meo socorro,
Pois o espirito meo já me abandona.

LINDOYA.

Pindó, ouve, Pindó! Guaycambo, dize!
Oh! Ceos! Responde! — É vivo?...

PINDÓ.

Vive ....

LINDOYA.

Oh! ventura! . . .

PINDÓ.

E a Cepé o deve. —
Tres vezes as esquadras nossas forão
De encontro ás tropas que o trovão coadjuva;
Tres vezes as repelle o raio e jazem
Muitos que o prado amava . . . .

O CÔRO.

VOZES FEMININAS (interpoladamente).

Desditosa! Eu mesquinha! Impia sorte!
Miseranda! Orphan mãe! Desgraçada!
Ai de mim! Cego mal! Dura sorte!
Infeliz! Dor sem par! Malfadada!

PRIMEIRA PARTE.

O meo filho! Iriri! Tobajara!

SEGUNDA PARTE.

O meo sposo! O meo bem, meo conforto!

AMBAS.

Iguassú, Mocabuna, Jaguara:
Dize, dize! Inda é vivo? É já morto?

PINDÓ.

Breve de mais o sabereis, ó tristes! —
Recuando a gente nossa ainda espera
Reconquistar o campo; malferido,
Cepé os guia: em torno a morte lavra
E se receia delle.
Da assolação o Genio
Paira nos golpes seos; eis rúe, já mata;
Devasta, arruina, fere e incessante,
Em toda a parte o vêm. Ao redor cobrem
Os palpitantes corpos a campina.
Tatúguassu, Dendê, Cobé, Tymbyra,
Paraboya, Itaky, Tatapiranga,
Jabebyra, Guaycambo amiudando
O exicio em roda, quasi iguaes se ostentão.
Guaycambo de continuo temerario,
Arrisca a vida, destemendo a morte;
Cepé o guarda, incolume o protege
E com seo corpo o escuda. Quantas vezes
Neste o golpe fatal vi desviado
Que as trevas encerrava! Ó Padre, é feio,
É triste o quadro que a campina enluta!

FREI LOURENÇO.

Deos se amereceie do seo povo áfflicto,
Volta, Pindó; prestes ao campo torna:

Colhe as noticias e m'as traze asinha.
Ao teo ligeiro pé fio os cuidados
Que a minh' alma atribulão:
Respira ainda, e torna.

LINDOYA.

Ó Ceos! que estranho enleio
No peito com ventura a dor me involve,
Contristada e risonha!
Em solaçoso rapto embevecida,
Sinto ventura e gloria, porem tinctas
Pela nuvem do poente; e afflicta e mesta,
Meo coração se aperta dolorido.
Mas é da leve f'licidade a branda
Mão que, ditosa, com amor o punge.
Eu amo, eu choro, eu tremo, anceio, espero;
Amo e de amar receio:
Choro e tenho prazer, tremo e confio,
Offego e revocando o fugaz tempo,
Desespero e almêjo, espero e temo.
Eu sinto .... ó Deos, que vozes
O mysterioso affan dest' alma dizem?!

Eu choro, e na minh' alma,
Qual flor no occaso abrindo,
Sinto o Prazer sorrindo,
Com magoa doce e amor.

Vem, mãe da suavidade,
Ó Esperança linda;
Vem, vem dourar-me a infinda
Hora de encanto e dor.

FREI LOURENÇO.

Filha, receia de exultar no instante
Em que o Senhor o povo seo visita.
Eia, Pindó; eu cuidadoso aguardo:
Veloz te guie a Diligencia; parte:
As novas colhe e sem demora traze.

PINDÓ

(depois de dar alguns passos para partir, avistando Cepé).

É escusado, ó Padre!

---

## SCENA III.

Os mesmos, e CEPÉ malferido.

O CÔRO.

Cepé!

FREI LOURENÇO.

Oh! magoa!

O CÔRO.

Tem de vida pouco!

LINDOYA.

Porem Guaycambo? Adonde está Guaycambo? ....

CEPÉ.

Ó Padre, tudo está perdido, tudo! ....

O CÔRO.

Ai de nós, ai de nós!

FREI LOURENÇO.

Faça-se ainda
A vontade do Eterno!

OS PADRES.

Sêja feita!

LINDOYA.

Guaycambo? ... Mas Guaycambo! ...
Adonde? ... Adonde está? ... Desvairo acaso? ...
Adonde está Guaycambo? ... Este silencio! ...

Morto! ... Morreo! ... Bem vejo! ... Oh!
Ceos! ... Responde! ...
Deos meo! ... Que angustia! ... Morto! ...
Eu morro! — Falla! ...

O CÔRO.

Miserrima! — Mesquinha!

LINDOYA.

Morreo! ... Morreo! ... Homen sem prez,
sem honra! ...
E tu me prometteras
Que illeso m'o trarias! ...
Morreo! ... Ó cego desespero horrendo!
Não ha hi rem que tanta dor mitigue? ...
Oh! dizei-me! dizei-me! ...
Morreo! ... Morreo! ... Inenarravel pena! —

FREI LOURENÇO.

Ouve-me, ó filha minha;
Espera em Deos: a vida
É um desterro breve ....

LINDOYA.

Dize! ... Responde! ... É certo? ... Não
me illudo? ...

CEPÉ.

Ai de mim! . . .

LINDOYA.

Miserando! Ignavo! . . .

CEPÉ.

Escuta! . . .

LINDOYA.

Fraco! mais fraco de que a menos forte
Das ancians no prado! . . .

CEPÉ.

Infelicissimo eu de quantos vivem!
Dá-me ouvidos; insonte não me culpes.
Os Ceos attesto, juro a mim! vanmente
Forcejei por salvar quem tu amavas;
Eu que tambem te adoro! . . .

LINDOYA (sem ouvir).

Morreo! Morreo! . . . .

O CÔRO.

Passando está-se?! — Ó triste!

CEPÉ.

Lindoya, ah! ouve! attende . . .

O CÔRO.

Malfadados!

CEPÉ.

Ao desespero est' alma não condemnes . . .

LINDOYA.

Dize em má hora! . . .

CEPÉ.

Escuta, attenção presta!
Em ti torna! Desperta! Sem ouvir-me
Criminar-me não queiras!
Desta jornada extrema decidida
A sorte estava já: dos nossos poucos
Restavão tão somente e elle obstinado,
Barateava inda a vida que eu prezara.
Muitas vezes logrei frustrar a Morte
Que a mal defesa preda requestava:
Porem debalde o escudou de novo
O braço meo; mortifero arremesso . . .
Perdoa; eu reconheço: a ti devera
Têl-o trazido salvo!
Mas ai! em vão te chamo, em vão te fallo! . . .
Padre, ó bom Padre; o que direi ainda?
Quantos dos nossos reunir eu pude

Nos aproxes do templo,
Perto o inimigo esperão.
Poucos porem são elles ....

(Vai desfallecendo.)

Bem que em valor se extremem ....

(Pausa. — Com nova energia; mas pouco duradoura.)

Fugi; buscae no êrmo a segurança
Que em vão na aldeia, buscareis agora:
Os olhos meos o ultimo sol hão visto.
Ó prole de Cendy, ... adeos! ... eu sinto ...
Já me circunda a morte.

Já nuvens de incerteza
Cobrem-me a vista baça!
Dos olhos que se extinguem,
Foge-me a luz escassa:
Na veia o raro sangue
Frio torpor me enlaça.

Para a morada etherea
Est' alma se me parte:
Virgem! ... adeos; eu morro;
Mas sem deixar de amar-te!
Na morte o que eu só sinto
É já não contemplar-te.

A benção vossa, Padre, eu languo, eu morro:
Serei feliz ... adeos! ... eternamente ...

(Cahe.)

O CÔRO.

Misero! — Já não vive!

FREI LOURENÇO.

Alma piedosa e mesta,
Em paz te parte deste mundo triste!

O CÔRO.

Ó Guerra funesta,
O Inferno acendeo
O lume nefasto
Deste incendio teo.

LINDOYA (mal acordada).

Cepé, Cepé! Dorme ... de certo ... em breve
Guaycambo tornará. — Surge!... Eia! Acorda!
Cepé!.. Cepé!.. Mas que exp'rimento ...

(Tornando a si.)

É morto!
Morreo! .... Porque morrer tambem não posso? ....

Porque da vida se me alonga a tela,
Na mocidade ainda?
Guaycambo infortunoso!... Amei-te e um dia,
Um' hora apenas, tão sómente a dita
Durou que eu evocara. Ledos sonhos,
Sonhos gentis da infancia; ledos annos
De encanto e de prazer, p'ra mim findastes.
Agorentadas glorias e baldias,
A historia é desta vida unicamente;
E os dias do futuro
Em longa esteira de continuos lutos,
Se me poem ante os olhos.
Mangrou toda a esperança no meo peito:
Hei-de eu viver ainda
Quando no mundo nada
Me prende á vida monstruosa, immane?!
Mal encetei a aurora e já cansado,
Pende-me o colo na estação das flores.
Entre as virgens alegres da campina
Ha-de ir a triste memorar os fastos
Do Anjo cruel da morte!
Os ventos do Infortunio sossobrarão
A nave dos meos bens: a amarella
Inveja me espiava e de soslaio
Olhou os cresces da ventura minha.
Que faz na Terra esta morada fria

De um' alma que finou-se?
Nume feroz, perdoa-me a existencia,
Eu miserrima! — Ó infeliz Guaycambo!

(Attentando para o corpo inanimado de Cepé.)

Desditoso Cepé! ah! se te é grato
Agora, um pranto meo, recebe e escuta.
Benigno o Ceo te promettera um dia
Amor, gloria e ventura,
E eu propria a Sorte coadjuvei na ruina
Impia de teos almejos!

Ó tu que tanto amaste,
Exemplo de virtude,
Perdoa se não pude
Doar-te o amor meo.

Lá na mansão formosa,
Compense um Deos piedoso
Penas que o desditoso
Na Terra padeceo.

Tu' alma contristada
Sorrindo aos Ceos aporte:
Digno de melhor sorte
Era o destino teo!

O CÔRO.

Tu' alma contristada
Sorrindo aos Ceos aporte:
Digno de melhor sorte
Era o destino teo!

FREI LOURENÇO.

Filha, os teos prantos ao Senhor off'rece:
Apenas a viver inda começas....

LINDOYA.

Orae por mim, ó Padre,
Eu tambem já morri: mais já não vivo.
Guai de mim! Guai de mim! Tredo Destino
Quebrou sem magoa a debil, aurea teia
De esperanças risonhas que affagava
Minh' alma insonte e alegre.
Dilecto meo!... Guaycambo!... Tu viveste...
E eu inda existo neste mundo infausto
Que o teo sorrir não doura,
Que o teo olhar não vê!... Existo ainda,
Sem par na desventura!

Oh! como a hora muda
A vida num momento:
Gera o prazer tormento
Que a dor não precedeo.

Depois vem a Fortuna
E ao padecer que apura,
Por premio dá ventura
Que as magoas esqueceo.

A mim porem, mesquinha!
Nem rest' uma esperança:
Lethal Desesperança
Nest' alma se acolheo.

Sumio-se a luz que branda,
Meos olhos encantava;
E a flamma que espalhava
P'ra sempre escureceo.

A que mimosos sonhos
Poz fim a Desventura;
Encanto, amor, doçura
Era o destino meo!

Hoje o meo peito veste
Intensa asperidade:
É morto!.... e atroz Deidade
Na vida me esqueceo!

Em vão porem me urge o cruel Destino!
Tupá, de ti eu zombo! acode ó Morte!

Vem dar-me um doce olvido!
Guaycambo! eu vou .... eu já te sigo ....
eu parto ....
Chamaste? ... eu te accompanho ....

(Quer ferir-se: desfallece. — Acodem.)

O CÔRO.

PRIMEIRA PARTE.

Morreo?!

SEGUNDA PARTE.

Oh! Ceos!

TERCEIRA PARTE.

Lindoya!

(O aldeiamento é atacado: tiros e outros sons marciaes, ouvem-se em menor distancia de que no principio do acto.)

O CÔRO.

Padre! .... o inimigo .... eia! .... correi ....
fujamos! ...

FREI LOURENÇO.

Filhos, ah! sobreestae! Aonde ainda
Vos resta outra acolheita? Sob a guarda
Vos ponde do Senhor. Elle protege
O fraco e o desvalido.

(Scena de confusão: os indigenas que se retiravão em desordem em differentes sentidos, retrocedem incertos e temerosos. De dentro do recinto do templo eleva-se acompanhado do Orgão e entoado pelos Padres que nelle se achão, o seguinte:)

CÔRO.

Dies irae, dies illa,
Crucis expandens vexilla,
Solvet saeclum in favilla.
Quantus tremor est futurus,
Quando Iudex est venturus,
Cuncta stricte discussurus!
Tuba mirum spargens sonum
Per sepulcra regionum,
Coget omnes ante thronum.
Mors stupebit et natura,
Cum resurget creatura
Iudicanti responsura.
Liber scriptus proferetur,
In quo totum continetur,
Unde mundus iudicetur.
Iudex ergo cum sedebit,
Quidquid latet apparebit,
Nil inultum remanebit.

## SCENA IV.

Os MESMOS. Continua o ataque do aldeiamento: ateia-se o incendio que principiando pelas casas mais remotas, attinge dentro de breve espaço, ao templo, unico ponto enfim ainda contestado; e o involve em chammas.

FREI LOURENÇO.

Soltae aos ventos o estandarte santo
Que em horas de agonia, tantas vezes
Nos tem dado soccorro. Á sombra sua
Tambem do lenho salvador do mundo
Custodiados, para immanente exemplo
Das posteras idades e memoria
Perenne da impiedade destas eras,
Egide sacratissima, sómente
Da Igreja os foros violar consigão.

(Desprega-se o estandarte da Ordem; alça-se a cruz. Os indigenas consternados congregão-se em roda dos Padres.)

OS PADRES.

Memor esto, Domine, Filiorum Edom in die Jerusalem!

(Manifesta-se o incendio nos edificios menores da aldeia, e vai rapidamente lavrando.)

O CÔRO.

Não temos asylo, não temos abrigo!
Ó Deos que fizeste? Porque nos creaste?
Porque de mil males, porque nos salvaste,
Se enfim nos entregas ao teo inimigo?!

(Principia a arder o templo que se desmorona em parte. As trombetas do inimigo annuncião a victoria, o que termina a presente scena e serve de acompanhamento subsidiario ao côro final.)

FREI LOURENÇO.

Ó sede avara de ouro! Impia, funesta,
Desmedida ambição, a que não dobras,
Os actos dos humanos!
Aqui era o asylo foragido
De innoxio povo que a justiça amava
E acatando a virtude,
Vivia ingenuo na innocencia amena
Das idades primeiras....
Ah! filhos meos, e é quanto
Vos resta sobre a terra!....
Em vão porem vos obstinaes, eu sinto,
Da iniquidade a obra
Não ha-de impune perdurar no olvido.
Fatidico furor minh' alma aclara!
A soberba Ulyssea já se esconde

Entre cahidas ruinas;
Regenerada ha-de se erguer de entre ellas...
Já do poder hispano os derradeiros
Castellos ruem... Vêde!.... uma por uma,
Lhe rouba a Liberdade as suas gemmas.
Que espectaculo grandioso se me antolha?!
Brotão cidades do êrmo .....
Nações gigantes o Universo admirão...
Neste limpo terreno
Virá assentar seo throno
A san Philosophia mal aceita,
E leis mais brandas regerão o mundo,
Quando homens mais humanos
C'o raio da Verdade a luz espalhem.*

Eu vêjo, eu vêjo um Principe
De essencia divinal,
Erguer o solio olympico
De um sceptro sem rival.

Delle ao abrigo a America
Da guerra se esqueceo,
E reina a Paz esplendida
Neste hemispherio seo.

---

* Filinto Elysio.

O CÔRO.

Delle ao abrigo a America
Da guerra se esqueceo,
E reina a Paz esplendida
Neste hemispherio seo.

Fim.

# PARECERES

sobre

as tres composições lyricas:

## Lindoya, Moema, e Moema e Paraguassú,

apresentadas ao

**Conservatorio Dramatico Brazileiro**

em Sessão de 13 de Fevereiro de 1852.

# I.

Tres dramas me são apresentados: Moema, Moema e Paraguassú e Lindoya. — Dos tres julgo preferivel o ultimo. Entendo que a acção he muito melhor condusida, as scenas mais ligadas, e sobre tudo a versificação mais harmoniosa, alem de que as scenas são de muito melhor effeito theatral. Se fôr necessario desenvolverei cada uma destas proposições: mas creio que a respeito d'ellas não pode haver contestação. Não he que não tenha defeitos. Qualquer dos tres mostra em seus authores não muito estudo da composicão lyrico-dramatica: Lindoya tem scenas mui longas, e pedaços immensos; será difficil achar uma dama que se encarregue do papel de Lindoya, se tudo quanto está escripto fôr posto em musica: mas ao maestro ficará faser a reducção a justas proporções. Tambem para o arranjo theatral talvez conviesse mudar o final: ou este ha-de ser a morte de Lindoya, ou a retirada dos padres: ambas as coisas parece-me demais. E todavia a scena final he tão boa, que de modo nenhum proponho a sua supressão: o maestro que se arranje como podér. Tal he a minha opinião, que sugeito á de meus sabios collegas. Rio, 20 de Setembro de 1852.

## II.

Dos tres Dramas que o Conservatorio Dramatico teve a bondade de confiar ao meu fraco juiso, acho que o melhor d'elles é o de Lindoya, quanto á intelligencia dramatica, puramente considerado como obra poetica; porem encontro-lhe grandes embaraços na sua applicação á arte de Rossini. A monographia dos librettos deve compor-se para o Maestro, e a Lindoya não está a meu ver, traçada convenientemente.

Ha sem duvida no desenho geral d'esta obra, firmeza de mão, graça lyrica, e pedaços magistraes; ha mesmo aquelle cunho que recorda o theatro antigo, mas ha o defeito radical de não ser um arcabouço proprio para a musica, ataviado com as suas graças modernas, e os seus variadissimos recursos.

Os librettos de Mettastassio e Romani reunem as duas qualidades essenciaes: passão aos olhos dos poetas e dos musicos como primores lyricos e como librettos; porque esta especialidade deve reunir tres qualidades: a acção da pantomima, ou acção mudo-dramatica; a belleza e doçura da metrificação e a sua applicação á opera, segundo as exigencias musicaes.

A Moema tem formosissimas coisas, e é feita por um poeta que teve sempre em vista o Maestro: considerando-a não igual á Lindoya, como obra dramatica, a julgo superior como libretto, e por isso digno de recompensa.

O concurso de que se trata, segundo o espirito da Direcção do Theatro, não é dramatico, mas lyrico; não é o de uma tragedia, mas sim o de um libretto: a direcção, querendo nacionalisar a opera, quer com este promover os progressos da arte de faser librettos, que

tem de trabalhar ainda muito até que chegue a concertar a lingua Portugueza para este fim, e ajuntar um grande numero de phrases harmonicas, e melodicas, que não entrecortem asperamente a melodia da musica: a melopea é a sua arte.

A nossa lingua, apesar de ser considerada como a segunda na ordem das mais proprias para o canto, tem comtudo o grande inconveniente dos pluraes, que, segundo a nossa maneira de pronunciar, ferem desagradavelmente o ouvido com um certo cicio, ou sibilo, que enrudece nos finaes as prolações delicadas. Em meu fraco conceito, pois, julgo que se deve premiar o author da Moema, porque encaro o concurso pelo lado do libretto. Alem d'isto, o author d'esta opera preparou melhor a sua talagarça metrica para os bordados musicaes, dispoz em alguns pontos os coros convenientemente, assim como os outros cantos a mais de um, e acabou com o preceito da opera, que requer uma aria de voz aguda, que mais se assemelha ao ponto luminoso no sugeito principal do quadro.

Nada direi da Moema e Paraguassú, por me parecer mais abundante de anachronismos d'ideias. Não é permittido, segundo as leis da archeologia dramatica, a um selvagem do tempo de Caramurú, fallar em coisas de que não podia ter ideias e muito menos saber-lhes os nomes.

Nos sugeitos primitivos ha sempre a immensa difficuldade de não confundir os tempos, e de faser sempre actuar-se o mundo do coração no circulo de suas ideias; sem isto não ha phisionomia propria, o caracter do homem primitivo, e as suas feições americanas.

Entre estas duas Moemas, confesso que a minha consciencia não encontra um ponto firme, bem firme, para tranquillamente appoiar-se, porque ha n'uma e n'outra

bellezas particulares que se disputão, e que adunadas em uma só opera, farião um bom libretto.

Se eu tivesse a fortuna de ser o illustre author da Lindoya, acabaria o meu poema com uma peça concertante onde a linda Guarany contrastasse a sua desesperação amorosa com a resignação evangelica dos padres. As agonias d'esses dous mundos, em escalas differentes, serião tocantes e sensiveis para todos os que sabem comparar o amor terrestre com o celeste; o exicio da philosophia do christianismo realisado na florescente missão, contrastaria nobremente com a morte d'essa victima sacrificada pelo amor.

Os nossos tres poetas deixarão um tanto á margem o fundo dos seus quadros, que é sempre um grande complemento da acção, e o caracteristico que a localisa e remata historica e poeticamente. Eu acabaria a Lindoya, não só com a destruição da ordem, mas tambem com a conflagração da missão, como o fez Basilio da Gama. A desordem final da derrota, a resignação dos religiosos, as chammas e o seu clarão, darião talvez um colorido mais grave ao termo da catastrophe.

As decorações e o vestuario são os marcos que localisão o drama no meio do passado; porque a acção dos affectos humanos é quasi sempre a mesma em todos os tempos, e pouca variedade offerece na actualidade que já tem um riquissimo deposito das variedades do coração humano.

Concluirei: Se o Conservatorio quer premiar o poeta, tem o autor da Lindoya, se quer ao poeta librettista, tem o da Moema; apesar de que o seu final não me parece tão artisticamente combinado como o da Moema e Paraguassú em certos effeitos theatraes.

Desconfiando de mim, com justa rasão, em um caso

tão grave como este, e de tanta magnitude para o Conservatorio, requeiro mais juizes para me submetter á sua illustração. Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1852.

---

## III.

Procurando corresponder como posso, e como permitte o pouco tempo, de que ora disponho, á honra com que me distinguio o Exmo. Presidente do Conservatorio Dramatico Brasileiro, vou offerecer, muito resumidamente embora, a minha opinião sobre o qual dos Dramas lyricos ou librettos offerecidos: Lindoya, Moema, Moema e Paraguassú merece a preferencia.

Primeiro que tudo é claro que se não trata da tragedia tal qual a tinhão comprehendido os Antigos, como Eschylo, nem como a comprehendeo depois Racine, nem como a reformou Shakespeare, nem tão pouco do drama tal qual o comprehende e escreve Victor Hugo. Trata-se unicamente do drama lyrico, do libretto, como o entende e magistralmente o executa Romani.

Isto posto, e devendo-se escrever n'esse genero novo entre nós; porque muito longe estão d'elle as operas de Antonio José e outras, que a essas ou ao Vaudeville se assemelhão; cumpria e cumpre estudar a lingua e aproprial-a ao drama lyrico, fugindo d'aquillo que he inherente á mesma lingua, e que se não presta bem ao canto; como por exemplo o plural com os seus ss e as terminações em ão, terriveis principalmente no fim do verso, etc.

Comparando agora os tres dramas lyricos entre si, sou levado a tirar as seguintes conclusões, que mais largamente desenvolverei e sustentarei se preciso fôr.

1ª. Qualquer dos tres dramas lyricos merece a approvação do Conservatorio Dramatico Brasileiro, embora nenhum d'elles se ache a salvo de muitas observações e leves censuras, que uma justa critica poderá formular.

2ª. Em comparação da Lindoya e da Moema, o drama lyrico Moema e Paraguassú deve por certo ficar de parte, embora ainda se adapte mais ao canto do que a Lindoya.

3ª. Comparados os dous dramas lyricos: — Lindoya e Moema, resulta que o primeiro é obra mais estudada, mais profunda e mais poetica; mas é menos adaptado para ser posto em musica; porque o seu author nem lhe preparou scenas proprias para admittir quartetos, tercetos, etc., como é essencial; como tambem attendeo em toda sua composição mais para as bellezas poeticas, do que para o mister dramatico-musical.

4ª. O drama lyrico — Moema — alem de bem escrito, e de ser o mais bem dedusido e mais simples, é o que mais se adapta ao genero de composição para o qual se abrio concurso.

5ª. Ainda que, como parece justo, fosse o drama lyrico Moema o preferido entre os tres, conviria que depois de premiado o mesmo, se convidasse o seo author a revel-o e a corrigir algumas incorreções, e erros de versos que n'elle apparecem uma ou outra vez. É esta a minha opinião. Rio de Janeiro, 3 de Desembro de 1852.

---

## IV.

Examinando os tres librettos — Lindoya — Moema e Paraguassú — e Moema, que o Conservatorio Dramatico

teve a bondade de submetter ao meo fraco juiso, pareceu-me que a tragedia — Moema — he o que reune as circunstancias que se exigem para as composições lyricas, considerando-a em relação á parte musical.

Em geral o plano da opera he bem traçado e tem situações que devem produzir grande effeito, pela reunião de diversas personagens principaes, onde o compositor lyrico pode formar com exito seguro as peças concertantes, fazendo-se notavel o final do primeiro acto.

Observo porem que alguns cantos, e especialmente os córos, produsirião maior resultado se não fossem tão longos. Na scena quinta, no primeiro acto por exemplo, o côro de Indiana, acho que seria conveniente suprimir alguns versos, resumindo quanto fosse possivel o dialogo entre ella e Moema.

He muito difficil na actualidade reunir na nossa scena um côro de damas tal, que possa sustentar-se por muito tempo sem cahir em monotonia, ainda mesmo havendo pensamentos felizes da parte do Maestro. Estes e outros inconvenientes se podem com facilidade remover, se as ideas do compositor lyrico se harmonisarem com as do author do poema. Longe de censurar o libretto, n'esta parte, não faço senão lembrar o methodo geralmente seguido pelos mais abalizados Poetas, que pela sua reputação Europea podem servir de modello.

Romani, Camerano, Sollera, Piave, etc. tem sido os librettistas de Rossini, Mercadante, Paccini, Verdi e outros, e tanta parte tomavão aquelles na determinação do plano musical, quanto estes tinhão na composição dos librettos.

No meo fraco conceito, julgo que o libretto da opera — Moema — deve ser preferido aos outros, e que os seos variados cantos se prestão á composição lyrica, uma vez que o seo author faça as modificações necessarias

de accordo com o Maestro que tiver de o interpretar. Rio, 31 de Dezembro de 1852.

---

## V.

Tres são os librettos propostos. O que á primeira a vista parece melhor preencher o fim a que elles se destinão, é o que se intitula — Moema, mas este mesmo offerece grandes difficuldades, e talvez invenciveis ao maestro compositor. Não me importarei com o grande côro de que seria ornada a aria de Tupinambá com que começa o libretto, porque o compositor poderia despresar muitos versos; porem a este meio não poderá elle certamente recorrer, para vencer o impossivel de encontrar uma cantora, que sem o menor descanço, execute seguidamente uma grande aria, duetto, tercetto e quartetto, escrito todo para Moema a maior parte, e Diogo, Gupena e Paraguassú, no primeiro acto! Alem d'isto deve-se notar n'este mesmo acto uma inconveniencia, que é a de um duetto logo em principio, de muita força, entre Tupinambá e Gupena, que exige musica extremamente animada e vigorosa, tendo de seguir-se a aria de Moema, que requer musica de um genero diametralmente opposto. Esta peça é inteiramente sacrificada.

Diogo principia o segundo acto por uma grande aria, entra logo n'um duetto com Tupinambá, e outro com Moema; tres peças sem repouso! Fóra deste duetto, tem logo Moema uma aria com córos! Esta peça hade tambem perder muito do effeito pela vivacidade da precedente.

Aparece em scena Paraguassú com uma aria, e teremos na opera duas arias, uma após outra, sem ao menos, um côro de permeio; e sem preceder á segunda, poesia que

se preste a recitativo, que obrigue a artista a grande jogo de Scena!

Depois ella cantará um duetto com Tupinambá, um tercetto com a entrada de Diogo, um duetto com este, uma grande aria de delirio, e um final tão obrigado ás duas damas, que bem se pode chamar um duetto entre ellas! Ora aqui temos para uma só dama, seis peças em um só acto! Com quatro que tem no primeiro, são dez.

Tambem o terceiro acto começa com uma aria de Diogo! Passa-se a um duettinho com Paraguassú todo de spezzature, e depois outra aria de Diogo! E mais ainda outro duetto com Gupeva! Vem uma bellissima peça concertante, uma especie de côro de guerra, que depois d'uma batalha, acaba por uma invocação; alguns recitativos, e logo outra peça concertante! Embarque de Diogo e Paraguassú, e o rondó de Moema!

Neste libretto o recurso da supressão de um ou outro pedaço, não pode ser usado sem prejudicar gravemente a marcha da acção, o effeito dramatico, como succedeo quando se quiz que o maestro Mario Aspa escrevesse musica para um libretto com as mesmas scenas traçadas por Victor Hugo para o seo drama Maria Tudor. Tambem não se pode recorrer a recitativos, por que alem d'esfriar o drama, são improprios d'uma tragedia lyrica, aborrecem o espectador e hoje somente são tolerados nas operas buffas. Fóra destes inconvenientes o libretto tem scenas de que o maestro poderia tirar muito partido.

E pois, em minha opinião nenhum dos librettos deve ser aprovado pelo Conservatorio: restituidos a seus autores com as copias dos pareceres das pessoas que a respeito dessas composições forão consultadas, poder-se-hia abrir novo concurso. Rio, 12 de Fevereiro de 1853.

Typographia de F. A. Brockhaus, em Leipzig.